**O CURSINHO POPULAR SEMEANDO O FUTURO DO IFSP CAMPUS CAPIVARI: UM ESTUDO DE CASO PELA ÓTICA DA EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA**

Alexandre Camargo Maia.1,2; Dr. Francisco Evangelista. 1,3;

1Centro Universitário Salesiano de São Paulo – UNISAL, Americana, SP; 2Discente; 3Orientador.

[alexandre.maia@ifsp.edu.br](mailto:alexandre.maia@ifsp.edu.br), [francisco.evangelista@am.unisal.br](mailto:francisco.evangelista@am.unisal.br).

**Objetivo**

O objetivo da presente investigação foi a compreensão e socialização das ações sociocomunitárias contidas no projeto e na execução do Cursinho Popular "Semeando o Futuro", efetuado no Campus Capivari do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, e verificar como são trabalhados os limites e as possibilidades de uma intervenção sociocomunitária, e de qual forma esta contribui para o desenvolvimento emancipatório dos sujeitos.

**Problema**

Na pesquisa o desafio proposto foi responder: Como o projeto e a execução do Cursinho Popular, realizado em 2015, 2016 e 2017 no Campus Capivari do IFSP, cultivam as possibilidades e os limites de uma intervenção socioeducativa, e de que forma pode contribuir para o desenvolvimento emancipatório dos sujeitos?

Segundo Gil (2008), a formulação de uma hipótese corresponde a uma tentativa de oferecer solução possível a um problema, por meio de uma proposição, isto é, uma expressão verbal que tanto pode ser declarada como verdadeira ou como falsa. Para Lakatos e Marconi (2003), as hipóteses são respostas possíveis e provisórias às questões propostas pela pesquisa e tornam-se importantes instrumentos na condução da tarefa de investigação.

A hipótese do trabalho é que os envolvidos no projeto ao abordarem os temas curriculares de maneira que a autonomia, a compreensão e vivência das dimensões da ética, da cidadania, dos direitos humanos, da diversidade étnico-racial, da sustentabilidade ambiental e da democracia o escopo da Educação Sociocomunitária seriam cultivados.

**Justificativa**

A justificativa desta pesquisa deriva de motivos de ordem pessoal e profissional.

O autor é servidor técnico-administrativo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, desde 27 de abril de 2015, atualmente é membro da Coordenadoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação do Campus Capivari e também foi aluno da primeira turma do curso superior de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas, iniciada em 2013.

Apesar de não ter colaborado formalmente com as atividades do Cursinho Popular, o autor teve contato com os alunos, professores bolsistas ou voluntários e com os servidores envolvidos do Cursinho Popular e pôde presenciar as primeiras fases do projeto até a mais recentes.

Os motivos de ordem pessoal derivam-se do desígnio de que a educação ofertada tenha de fato a busca pela formação integral dos sujeitos, de forma que estes possam ser agentes de mudança de nossa sociedade.

**Embasamento teórico-metodológico**

Tratar da Educação Sociocomunitária se faz necessário, pois é a área de concentração do Programa de Mestrado em Educação do UNISAL e é a lente do conhecimento pela qual foi proposto o estudo do Cursinho Popular do *Campus* Capivari.

Como duas das finalidades do Programa de Mestrado são apontadas: o desenvolvimento de estudos e pesquisa na área “Ciência da Educação”, tendo por núcleo de investigação a Educação Sociocomunitária e a promoção, de forma preferencial e não-exclusiva, investigações relativas às comunidades e às realidades regionais, no âmbito de seu núcleo de investigação.[[1]](#footnote-1). Nesse sentido a presente pesquisa faz parte dos esforços para a consecução de tais objetivos.

Gomes também nos leciona a proposta da Educação Sociocomunitária “não se trata apenas de uma prática, um ativismo, mas uma ação que se origina da reflexão – práxis – atribuindo uma direção histórica”. O mesmo autor também afirma que embora a proposta salesiana “não tenha trazido algo inédito” e, por outro lado, também tenha se repetido no decorrer da história em outros momentos, mas foi a partir desse “fato histórico, presente na identidade institucional e em seu modo de educar” (GOMES, 2008, p. 6) que a Educação Sociocomunitária teve como uma de suas raízes.

Isaú (2007, ao escrever sobre a caracterização dos objetivos do Programa do Mestrado, efetuou a exegese de alguns dos conceitos que faziam parte da proposta enviada para a CAPES no processo que aprovou o programa:

“a sua denominação de “educação sócio-comunitária”. Entende o “comunitário” como “como o predomínio das relações de interesses comuns, com características de intersubjetividade propiciadoras de modalidades organizacionais que podem construir a autonomia”; e o “societário” como “como a expressão da convivência caracterizada pelo conflito entre a normatização instaurada pela racionalidade burocrática e os direitos conquistados pela cidadania, este Programa se propõe investigar as condições da práxis educativa que intensifique esses processos de autonomia e cidadania”. (ISAÚ, 2007, p. 21, apud UNISAL, 2004).

A Educação Sociocomunitária almeja um objetivo prático, intervir nas comunidades de forma que o conhecimento acadêmico, não fique desconectado da realidade:

“A lógica ou princípio sociocomunitário caracteriza-se por relações sociais que, ao menos inicialmente, atendem necessidades propriamente humanas: a sobrevivência, cuidado e identidade (em seu viés comunitário) e a liberdade, autonomia e criação (em seu viés societário). O estudo da Educação Sociocomunitária caracteriza-se, nesta proposta, pela identificação de processos e intervenções educacionais, em destaque em ambientes não formais, mas não exclusivamente, que buscam fomentar as relações sociais de caráter comunitário e societário; também, intervenções que são resistência ou ocupações dos espaços intersticiais deixados pelas lógicas que são predominantes e hegemônicas na modernidade e contemporaneidade – a lógica do poder (capitaneado pelo Estado moderno) e a lógica do capital, que caracterizam o que chamo de “integração sistêmica”. (GROPPO, 2013, p. 106).

Ainda para Gomes (2008) a Educação Sociocomunitária não é proposta como a solução de todos os problemas sociais e educativos, mas como uma problematização das possibilidades de emancipação de comunidades e pessoas em constituir articulações políticas, expressas em ações educativas, que provoquem transformações sociais intencionadas. (GOMES, 2008, p.8).

Versando sobre comunidade Gomes (2008) aponta que é “necessário envolvimento com o cotidiano e a impossibilidade de ela acontecer sem que haja, em seu entorno espacial e histórico, uma comunidade”. (GOMES, 2008, p. 43).

Um dos objetivos deste trabalho é verificar se o Cursinho Popular do *Campus* Capivari pode ser considerado, após a realização da pesquisa com os sujeitos envolvidos, se pode ser considerada uma intervenção sociocomunitária. Caracterizando o conceito de intervenção, Gomes (2008) aponta que:

“... Uma intervenção educativa é uma ruptura com um modo de ser da sociedade, mas também pode ser uma ruptura como o modo de educar da sociedade. Em algum sentido, a intervenção é negativa, deve, ao menos, negar o estado das coisas tal como estão. Parece-me que nem toda Educação Sociocomunitária é um processo que se caracteriza por intervenção, nesse sentido restrito. Porém, em toda proposta educativa há um momento criador, há o momento de se discutir e fazer, ou refazer, a proposta e esse é, ao menos em sentido lato, o momento da intervenção. (GOMES, 2008, p. 7).

Groppo (2006) apesar de reconhecer que a Educação Sociocomunitária possa ter uma faceta utópica, os esforços para sua concretização tratam de possibilidades de ações concretas:

Assim, a educação sócio-comunitária também é utópica, ou melhor, é em parte uma possibilidade. Trata-se da possibilidade de construção de novas experiências e ações educacionais fundadas nos princípios societário e comunitário, atentas à necessidade de produção de sociabilidades comunitárias tanto quanto de liberdades individuais capazes de viver à margem ou resistir às lógicas sistêmicas. (GROPPO, 2006, p. 147).

## A EDUCAÇÃO SOCIOCOMUNITÁRIA E A PEDAGOGIA SOCIAL

A Educação Sociocomunitária possui uma relação próxima com o Sistema Salesiano, a Educação Não Formal, a Educação Popular e a Pedagogia Social. Nesta seção é tratada a relação da Pedagogia Social com área de concentração do Mestrado em Educação do UNISAL.

Segundo Groppo (2013) a Educação Social fez parte dos esforços para a conceituação da Educação Sociocomunitária a proposta de educação social, que busca, através de estratégias educacionais, intervir na sociedade propiciando um desenvolvimento de grupos humanos ou melhorias do bem-estar e qualidade de vida.

Citando Francisco Evangelista, Paulo de Tarso Gomes estabelece que:

"A educação social reconhece a pessoa como um ser que pensa, age, sente, que traz consigo uma cultura que precisa ser respeitada para que ele possa crescer e desenvolver, pois a cultura faz parte da identidade do ser humano e os valores são imprescindíveis em sua formação". (EVANGELISTA apud GOMES, 2003, p.210).

Ao proferir seus ensinamentos sobre esta interseção entre saberes, Groppo (2013) afirma que os objetivos da Pedagogia Social se baseiam de forma e análoga e próxima aos objetivos da Educação Sociocomunitária, pois esta se relacionaria com o emprego de todo o processo de aprendizado já alcançado pelo indivíduo, com ênfase no atendimento das necessidades humanas e sociais, pelas quais se fundamentam os processos de inclusão social dos indivíduos. Já a Pedagogia Social para este autor se relacionaria ao processo de socialização do indivíduo, que se inicia com o convívio familiar e que e segue pela vivência escolar. Aprofundando no tema o autor aponta que:

A tendência da pedagogia social é a de promover a institucionalização no interior deste campo educativo, ainda que distinta da institucionalização escolar, pois que são outros os objetivos expressos. Se o objetivo do campo escolar é a aprendizagem de saberes poderosos, no campo das práticas socioeducativas é a “inclusão social”. [...] a pedagogia social – conjunto de valores, saberes e habilidades que constituiriam a *doxa* desse campo. Enfim, articular um *nomos* – procedimentos e regras de funcionamento – com o apoio da universidade, do mercado social e do Estado – que emprestam ao campo das práticas socioeducativas legalidade, capital cultural, capital social, capital econômico, etc. (GROPPO, 2013, p.71)

A Professora Doutora Sueli Maria Pessagno Caro delimita o campo da Educação Social, ao abrir o segundo capítulo da obra Metodologia de Pesquisa em Educação Social e Educação Sociocomunitária, que a Educação Sociocomunitária é sustentada pela base teórica da Pedagogia Social:

Esclarecemos que o campo de educação social, muitas vezes chamado de educação comunitária ou Educação Sociocomunitária tem como finalidade o mesmo objeto de pesquisa. A base teórica que sustenta essas atuações ou intervenções tem como princípio a educação social que é o campo de atuação da Pedagogia Social

(CARO, 2016, posição 792 de 4091 do *ebook*).

Quanto ao campo da Educação Social, Caro (2012), afirma que:

O campo da educação social, até há pouco tempo considerado da chamada educação não formal, vem mostrar aspectos de grande relevância para a educação integral. Sabe-se, pois, que o processo educacional acontece dentro e fora da instituição escolar, mas não é institucional, pois ocorre em todos os contextos no quais se desenvolve a vida (CARO, 2012, p.37).

## O CURSINHO POPULAR

O Cursinho Popular do *Campus* Capivari, iniciativa foi denominada na proposta como “Semeando O Futuro”, foi viabilizado por intermédio do Programa Institucional de Cursinhos Populares, apresentado no item anterior. As propostas foram elaboradas coletivamente, com a participação ativação do setor sócio-pedagógico do *Campus* e de diversos professores, dos quais muitos possuíam ampla experiência em cursinhos populares, seja como alunos, professores e coordenadores.

A carga horária de cada edição, sendo que a primeira teve início em maio de 2015, era de 600 horas, e os meses de início variaram entre abril e maio. Os recursos destinados recursos para o pagamento de bolsas, de R$ 400,00 (quatrocentos reais) por 20 horas semanais de dedicação, para os alunos também para a aquisição de apostilas e material de consumo. É relevante destacar que além dos bolsistas o cursinho também contou com professores voluntários, também alunos dos cursos de graduação do Campus Capivari.

As atividades do Cursinho Popular aconteciam de segunda a sexta-feira no período vespertino, das 13h20 às 17h. Em cada edição foram ofertadas quarenta vagas para pré-concluintes, preferencialmente carentes e egressos do ensino médio público.

O objetivo declarado nas propostas do Cursinho submetidas pelo Campus Capivari, foi de “propiciar a preparação dos alunos (jovens e adultos) de baixa renda, oriundos da escola pública, que habita o entorno do IFSP- Capivari, para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).” E “desde o início, concebeu-se que numa proposta de educação popular não haveria de se privilegiar uma visão unidirecional, depositária ou tradicional.”

Nesse contexto de proposta de formação era integral e que visava superar uma concepção meramente tecnicista e conteudista de educação, era previsto que além de serem trabalhados conhecimentos verificados no ENEM com caráter de revisão, haja vista que a duração de cada edição do projeto, também havia o objetivo do desenvolvimento do senso crítico e problematizador dos alunos.

Almejando ser um singular espaço educativo, voltado para a formação de jovens e adultos, especialmente àqueles que se encontram em situação de maior vulnerabilidade social, além de funcionar como um caminho para a promoção da democracia cultural.

A abordagem dos temas curriculares deveria ser feita de maneira que privilegiasse a autonomia do aluno, fortalecendo, ao mesmo tempo, a compreensão e vivência das dimensões da ética, da cidadania, dos direitos humanos, da diversidade étnico-racial, da sustentabilidade ambiental e da democracia.

O Cursinho Popular também previa uma perspectiva interdisciplinar e o uso de estratégias didáticas diversificadas, abertas para comunidade externa, como rodas de conversa, cine-fórum, debates interativos, seminários, aulas expositivas, palestras, tendo o próprio aluno como protagonista e sujeito de todo processo de ensino-aprendizagem, possibilitando, dessa maneira, com que o conhecimento produzido assumisse relevância e pleno significado. O mote de tais atividades deveria ser constituído considerando a situação geral do País, as demandas específicas da região na qual está inserido o cursinho, as demandas dos próprios estudantes, e, ainda, os temas possíveis da redação do ENEM.

Oportunizando a avaliação acerca dos temas já tratados e com vistas a determinar quais pontos deveriam ser melhor trabalhados, além de ser uma oportunidade dos alunos experenciarem a administração de tempo e a ambientassem com singularidades, foram aplicadas provas simuladas no padrão do ENEM.

Independentemente dos Professores do Cursinho serem bolsistas ou voluntários, estes participaram de processos de seleção e possuíam idade próxima da maioria doa alunos, conforme analisado no próximo capítulo, e tal condição foi um fator de aproximação desses sujeitos.

Além do material disponibilizado para os alunos e professores, da Editora Poli Saber, mesmo material utilizado pelo Cursinho da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, os professorem podem elaborar seu próprio material.

Os professores do Cursinho são orientados por servidores do Campus que os aconselham tanto no que concerne a questões pedagógicas, quanto os assuntos das disciplinas. Tal apoio é muito importante, pois para a maior parte dos professores do cursinho, esse é o primeiro contato com a docência

**Metodologia de pesquisa**

Segundo Lakatos e Marconi (2003), método “é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo - conhecimentos válidos e verdadeiros -”.

A pesquisa seguiu a linha exploratória, conforme o sentido definido por Gil como aquela, ‘‘que têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou de descoberta de intuições’’ e também tem por finalidade “desenvolver, esclarecer conceitos e ideias, de modo que possam servir para estudos futuros, ou seja, um ponto de partida para novas investigações” (2005, p.41).

Para Lakatos e Marconi (2003) a vantagem de se utilizar a pesquisa exploratória está na flexibilidade do seu planejamento, que possibilita a consideração de todos os aspectos relativos ao fato estudado.

A opção metodológica, considerando os objetivos, foi pela abordagem qualitativa, e nesse sentido temos que:

“A pesquisa qualitativa busca ―investigar, interpretar e compreender o sentido- os sentidos- das experiências vividas e, assim, fazem a escuta das vozes dos sujeitos pesquisados, das comunidades, dos movimentos sociais, das instituições” (GROPPO; MARTINS, 2007, p.15).

“...o pesquisador *participa, compreende e interpreta*. Cada caso é tido como único, particular e não-repetível. Não cabe aqui a proposta de uma lei “geral” ou universal que poderia predizer casos análogos futuros (como no modelo quantitativo). O exemplo, o caso ou a situação estudada, podem tão somente ajudar na compreensão de outros tantos casos, ou colaborar na compreensão de um dado problema mais geral. Por sua vez, a análise qualitativa toma estes dados como parte de um contexto fluente de relações, não apenas como coisas isoladas ou acontecimentos fixos captados num instante de observação. Os dados não se restringem ao aparente, mas contém ao mesmo tempo revelações e ocultamentos. Dá-se importância tanto ao conteúdo manifesto das ações e falas, quanto ao que é latente ou ocultado”. (GROPPO; MARTINS, 2007, p. 104).

Os trabalhos começaram com um levantamento bibliográfico com o intuito de compreender de forma mais profunda o tema abordado, sustentar a coleta de dados, e prover elementos para as conclusões desta pesquisa.

A vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de autorizar o pesquisador à investigação de uma gama de fenômenos muito mais amplos do que aquela que poderia ser pesquisada diretamente (GIL, 2008).

A pesquisa de campo consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los, segundo Lakatos e Marconi (2003) e foi fonte de informações paro o estudo de caso dessa prática investigativa da área de Educação Sociocomunitária.

Por seu turno a escolha do estudo de caso é explicada por ser um instrumento que serve para conhecer uma determinada situação, tratada como o objeto da pesquisa, na qual sua especificidade possa ser analisada por si, mediante observação e interpretação dos dados coletados, os quais visam a elucidar as características peculiares do problema elencado na pesquisa.

Para Soffner (2016):

em Educação Sociocomunitária são candidatos naturais a sujeitos dos estudos de caso comunidades ou pessoas que, de alguma forma, conduzem ou conduziram ações que tenham relação com as características que compõem o quadro de referência do sociocomunitário; ou mesmo ações de práxis educativa que justifiquem um enfoque comunitário. (SOFFNER, 2016, posição 3501 de 4091 do ebook).

A investigação foi procedida no Campus Capivari do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, localizado na cidade de Capivari, interior do estado de São Paulo.

Para Lakatos e Marconi (2003) amostra consiste em escolher uma parte da população estudada, de tal maneira que ela seja a mais representativa possível do todo, e a partir dos resultados obtidos relativos a essa parte pode-se inferir os resultados da população total. Os sujeitos da pesquisa, todos civilmente maiores e capazes, foram classificados em três grupos, o primeiro composto por ex-alunos do Cursinho Popular que foram alunos do projeto em 2015, 2016, 2017. O segundo grupo foi composto pelos professores do Cursinho, bolsistas ou voluntários, alunos dos cursos de graduação do Campus Capivari e o um terceiro grupo foi formado pelos servidores docentes ou técnico-administrativos que estiveram envolvidos com o projeto.

A pesquisa de campo, o diálogo com este pesquisador, foi realizada em 2018, e foi iniciada em maio, após a aprovação do Projeto pelo CEP do UNISAL e se estendeu até meados de julho e envolveu um processo de resgate de consciência e uma possiblidade de ressignificação das experiências pelos sujeitos que contribuíram com esta investigação.

O critério de inclusão dos sujeitos foi ter algum tipo de participação no Cursinho Popular e o aceite do convite realizado pelo pesquisador. A aproximação com os membros do primeiro grupo, os alunos, por envio de correio eletrônico e com os membros do segundo e terceiro grupo, professores do cursinho e servidores envolvidos o primeiro contato foi realizado pessoalmente, por meio de participação em reuniões onde a pesquisa e seus objetivos foram explanados.

No que toca a abordagem epistemológica, pela importância dada ao papel dos sujeitos e pela proximidade do sujeito-pesquisador com o objeto pesquisado. Nessa linha o que foi observado não foram objetos e sim sujeitos.

Como instrumentos de apuração de informações junto com os sujeitos, foram elaborados três questionários diferentes, um para cada um dos três grupos da pesquisa. O questionário destinado aos alunos continha 72 perguntas, aos professores 80 perguntas e por fim, aos servidores 50 perguntas.

A identificação dos respondentes foi opcional, mas todos os participantes foram comunicados da não obrigatoriedade na participação, das considerações éticas, informados sobre o uso dos dados e que haveria o respeito a confidencialidade e ao anonimato, com o fito de proteção aos participantes.

Nos convites participação foi explicitado o porquê do convite, encaminhado os termos de Consentimento Livre e Esclarecido e foi estabelecido o compromisso de apresentar ao IFSP e aos participantes os resultados da pesquisa, que será realizada em uma sessão pública no Campus Capivari, após a defesa da dissertação. Foi também descrito que os dados obtidos poderiam ser usados para a construção de uma nova proposta do Cursinho Popular, visando a realização de novas edições do projeto na cidade de Capivari.

Dos mais de 120 alunos que passaram pelo projeto e aptos a participarem da investigação, 22 responderam os questionários, o que equivale a aproximadamente 18% do total.

Quanto ao segundo grupo, do total de 41 professores do cursinho, bolsistas ou voluntários, alunos dos cursos de graduação do Campus Capivari, 15 responderam os questionários, o que resulta em quase 37% dessa categoria.

Entre os 31 servidores do Campus Capivari que estiveram diretamente envolvidos com o Projeto, quatro servidores técnico-administrativos e vinte e sete servidores docentes, aproximadamente 52% (16 servidores) responderam os questionários.

Depois de levantamentos das respostas dos questionários, foi produzida uma tabulação com os resultados apurados em cada questão, que serão apresentados na próxima seção desta Dissertação.

A entrevista semiestruturada, segundo Lakatos e Marconi (2003) prove ao entrevistador liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada. É uma forma de poder explorar mais amplamente uma questão. Em geral, as perguntas são abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversação informal.

Segundo Groppo e Martins (2009) a entrevista é um diálogo estabelecido pelo pesquisador com uma ou mais pessoas, que detém informações sobre o tema e o problema da pesquisa. A entrevista se distingue do questionário pelo necessário diálogo entre pesquisador e entrevistado e para estes s autores possuem inúmeras qualidades:

Esta técnica tem, de fato, inúmeras qualidades: pode não apenas suprir carências documentais, quanto comprovar ou pôr em causa dados escritos; pode expressar dados sobre populações e realidades excluídas das documentações tradicionais ou tratadas de forma equivocada, como os analfabetos e minorias sociais; “e se constituiu como técnica muito eficiente para obtenção de dados referentes ao comportamento humano”. (GROPPO e MARTINS, 2009, p. 54.)

As entrevistas foram realizadas após a aplicação do questionário com o objetivo de aprofundamento de pontos levantados, e possuíram roteiros, mas não foram dirigidas.

Foram entrevistados 5 ex-alunos, 6 professores bolsistas ou voluntários e 5 servidores.

Importante é destacar que no período que antecedeu a pesquisa de campo, houveram diversas conversas informais, que juntamente com a análise de documentos, colaboraram na definição dos rumos desta pesquisa.

**Resultados**

A comparação dos dados levantados nas respostas dos questionários aplicados com os 3 segmentos (alunos, professores e servidores) em conjunto com os das 16 entrevistas, realizadas entre junho e julho de 2018, proporcionaram informações pertinentes para a análise dos dados coletados, apresentados e analisados com utilização das tabelas, gráfico e fragmentos dos diálogos.

É relevante destacar que foram levantados uma miríade de dados, adstritos na íntegra como anexos desta dissertação, que podem ser objetos de análise em outras pesquisas.

Como lógica de exposição e discussão dos dados foi feita a opção de iniciar a exposição pelos temas mais próximos aos alunos do cursinho, a população que deu motivo a existência do projeto, na sequência são tratados os temas mais próximos dos professores do cursinho e concluindo essa fase, há o enfoque nos servidores que participaram da iniciativa.

Visando o sigilo e atuando para o cumprimento das condições do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para a participação na pesquisa, os participantes foram identificados com a primeira letra fazendo referência ao meio utilizado: a letra Q para questionários e a letra E para as entrevistas, seguido da categoria: a letra A para os alunos, a letra P para os professores do Cursinho e a letra S para os servidores do *Campus* Capivari que estiveram envolvidos com este Projeto, e um número crescente, distribuído de acordo com a ordem do recebimento dos questionários ou da realização das entrevistas.

Do ponto de vista do perfil dos alunos respondentes temos que metade dos alunos respondentes eram menores de 18 anos e que apenas 13,6% dos respondentes possuía mais de 25 anos.

Doze alunos (54,5%) se autodeclararam brancos, sete (31,8%) pardos e apenas três (13,6%) como pretos. A distribuição percentual por cor, no Estado de São Paulo, segundo o IBGE[[2]](#footnote-2), em 2009, era 64,4% de brancos, 28,3% de pretos, 5,8% de pretos e 1,4% de amarelos ou indígenas. Considerando o tamanho da amostra, é possível concluir as distribuições percentuais seguiram valores próximos dos apurados no Censo de 2009.

Dos 22 alunos, apenas 1 (4,5%) estudou em escola pública no ensino fundamental. Quanto ao ensino médio, 21 (95,5%) também o cursaram em escola pública, enquanto 1 aluno respondeu que havia cursado a maior parte do ensino médio em escola particular.

Quando perguntados se individualmente ou com a ajuda se sua família os alunos, teriam condições de pagar um Cursinho Particular, na época em que participou do Cursinho Popular do IFSP, 95,5% respondeu que não teriam.

Preservadas as limitações dos instrumentos de coleta, a confrontação da escolaridade dos pais dos alunos no Cursinho, o fato de quase todos os alunos consultados afirmarem terem estudado o ensino fundamental e médio em escola pública, podemos inferir que o público atendido pelo Cursinho Popular do Campus Capivari “eram jovens e adultos da população de baixa renda, oriunda da escola pública, que habita o entorno no qual o IFSP está situado”, confirmando o atendimento do público alvo da iniciativa proposta pela Pró-Reitoria de Extensão do IFSP.

Quanto a participação econômica na vida familiar dos alunos, 90,9% deles afirmaram que não contribuíam, na época do cursinho. Esse dado pode ser explicado pelo fato de 50% dos alunos afirmarem que apenas estudavam, 45,5% estudavam e procuravam uma ocupação remunerada e 4,5% estudava e trabalhava em tempo integral (40h semanais ou mais). Ainda nesse sentido, 13,63% dos alunos que responderam os questionários participaram do Cursinho por um ano, entendido como três semestres ou mais.

Figura 8- Intenção dos alunos com a participação no Cursinho Popular

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018)

Quando questionados sobre os motivos que os levaram a se inscreverem no Cursinho Popular, podendo marcarem mais de uma opção, as razões preponderantes foram a preparação para o ENEM e também para Vestibulares.

Quanto a questão geográfica, em sua maioria, 81,8% do corpo discente que responderam os questionários residiam em Capivari e os demais, 18,2%, em Rafard. Apesar de constar no rol de respostas, não haviam alunos de Americana, Elias Fausto, Mombuca, Piracicaba e Santa Bárbara d´ Oeste, apesar de também serem cidades próximas.

O principal meio de transporte adotado pelos alunos foi o transporte coletivo, os ônibus municipais que eram utilizados por três quartos dos alunos. Para fins de comparação, todos os servidores que responderam questão análoga no questionário da categoria, afirmaram que utilizavam transporte próprio, seja automóvel ou motocicletas.

Figura 2- Meio de Transporte dos alunos até o Campus

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018)

Um fato que foi muito lembrado, pelas três categorias, seja durante a fase que antecedeu o início formal da pesquisa de campo, bem como depois do começo desta etapa foi a impossibilidade da obtenção de passe livre ou da aquisição de passe escolar com a concessão de desconto de 50% em relação ao valor da tarifa vigente, pelo fato do Cursinho Popular do *Campus* Capivari fazer parte de um Projeto de Extensão e dessa forma não ser um aluno de um curso “regular” e “reconhecido pelo MEC”. Tal situação afetou tanto os alunos residentes em Capivari, quanto os de Rafard, pois tal benefício depende de uma ação entre cada Prefeitura, a empresa que opera o contrato de concessão do transporte coletivo urbano, e o IFSP.

Mesmo antes do início da pesquisa, a percepção evasão dos alunos, entendido como desistência do projeto, antes do encerramento era de que era alta, nas três categorias, o que foi comprovado pelas respostas dos questionários dos alunos: 68,2% afirmar terem evadido. Ao responderem sobre os motivos da evasão, onde puderam atribuir mais de um motivo, os alunos relaram que:

Figura 3- Motivos de Evasão apontados pelos alunos

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018)

Apesar das circunstâncias supracitadas, o Cursinho Popular do Campus Capivari foi relembrado pelos participantes com muita ternura. Alguns dos servidores que atuaram no projeto haviam professores bolsistas ou voluntárias de cursinhos alternativos ou populares, no contexto de suas formações universitárias.

O fato do Cursinho ser adjetivado de Popular, trouxe uma missão aos envolvidos, muito diferente se fosse denominado apenas como um Cursinho gratuito. Por ser popular, e para cumprir os objetivos propostos era clara a necessidade da ação de um modelo diferente de um curso pré-vestibular convencional. Dentre as falas sobre este tema, uma se destacou:

Ele se difere na origem, principiologicamente ele é distinto. Se fossemos pegar os grandes teóricos da Educação falar de educação empresarial e da educação popular, ele se enquadra em todos os quesitos da educação popular. Lógico que tem os seus problemas, mas vamos falar desses quesitos. Inicialmente, ele nasce da observação de demanda, da demanda regional, das dificuldades, da desigualdade e da vulnerabilidade. Segunda característica que torna ele popular, é um olhar para a educação, não a educação stricto sensu voltada para o ENEM, mas uma formação que gere autonomia, uma preocupação para que haja espaços de discussão, de desenvolvimento da cidadania, de discussões políticas, que foi uma das dificuldades, mas sempre houve essa discussão, era um dos objetivos básicos. Outra característica foi que durante os momentos de reunião que houvesse uma participação múltipla, que todos os atores que quisessem participar das reuniões, quisessem dar opiniões, fazer proposições, que pudessem ser feitas. Pelo menos eram essas as intenções, em reunião um dos problemas é que as pessoas não tendem a falar muito, às vezes tem vergonha e as demandas cotidianas também tomam de arroubo boa parte da pauta, mas eu não tenho dúvida que o projeto nasceu para ser um cursinho popular. (E-S5)

Os alunos do cursinho ao serem perguntados se havia sido explanada que a proposta do Cursinho Popular era diferenciada, 72,7% responderam que sim. A ocorrência do restante ter respondido não, pode ser atribuído pela admissão de novos alunos, por meio de novas chamadas, quase que contínuas, para o preenchimento das vagas ociosas proporcionadas pela evasão. Seria oportuno em novas edições do projeto, no caso de serem admitidos novos alunos dentro de um ciclo em andamento, ser feita uma explanação sobre a proposta e metodologia do Cursinho, antes do procedimento de matrícula.

Figura 4 - Participação em Atividades segundo os alunos

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018)

As rodas de conversa foram indicadas como os principais momentos reflexivos e interdisciplinares pelos alunos. Tais atividades eram planejadas pelo professor em conjunto com os servidores que participaram do projeto, porém o tema também podia ser sugerido pelos alunos. Apesar de algumas mudanças terem ocorrido durante a edições, de forma periódica, havia um momento onde inicialmente um grupo de professores apresentavam um assunto, pelos vieses das disciplinas que lecionavam, e na sequência os alunos eram estimulados a apresentarem e sustentarem seus posicionamentos.

Foi relatado que durante a prática dialógica das rodas de conversa, os alunos nas primeiras sessões estavam introvertidos, mas que em geral, rapidamente evoluíram, deixando o acanhamento e passando a exporem análises mais complexas em tais dinâmicas.

Pelo que foi levantado no decorrer da pesquisa, o objetivo do Cursinho em contribuir para a formação acadêmica, cultural, assim como para autonomia dos sujeitos, foi mais trabalhado durante esses momentos diferenciados, porém com repercussões que extrapolaram essa iniciativa.

Apesar de uma parcela significativa (23%) dos alunos que responderam os questionários não terem prosseguido com os estudos, 41% afirmaram ter prosseguido os estudos em instituições públicas, e outros 28% passaram a frequentar instituições particulares de ensino, possivelmente com bolsa parcial ou total pelo Programa Universidade para Todos (ProUni).

Ao responderem se os objetivos que o levaram a se inscreverem no Cursinho Popular foram alcançados, 77% responderam que concordavam parcialmente ou totalmente e 23% discordaram total ou parcialmente.

Figura 5- Se prosseguiu nos estudos, em que tipo de instituições frequenta (ou frequentou)?

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018)

Figura 6- Avaliação dos alunos se seus objetivos foram alcançados

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018)

Concluída as considerações mais específicas do segmento relacionados aos estudantes, é apresentado o bloco com dados com uma maior pertinência aos professores do Cursinho Popular do Campus Capivari.

Quantos aos professores do Cursinho Popular que responderam os questionários, 80% deles possuíam entre 18 e 24 anos, 13,3% ainda eram menores de idade e 6,7% possuíam mais que 30 anos quando iniciaram a atuação no Cursinho.

Quanto ao local do estudo, 73,3% estudaram deles estudaram o ensino fundamental e médio em escolas públicas. Esse grupo pode ser visto como um exemplo para os alunos do Cursinho, pois a grande maioria dos alunos possui esta origem em comum.

A grande maioria, 80% dos professores do cursinho eram estudantes de Licenciatura em Química, 13,3% eram alunos de Tecnologia em Análise e Desenvolvimento de Sistemas e 6,7% era alunos do Curso de Tecnologia em Processos Químicos.

Também 80% deles estavam matriculados a menos de um ano quando iniciaram a atuar no Cursinho Popular, e os outros 20% estavam matriculados entre 1 e 2 anos em seus cursos.

A mesma percentagem, 80%, foi relativa aos professores do cursinho que responderam que atuaram como bolsistas, sendo os demais voluntários.

Cursinho Popular foi a primeira experiência com a docência para 73% dos alunos, que se somado ao percentual de professores com experiência inferior a um ano, temos que o cursinho foi o caminho na iniciação na docência para 87% desses alunos de graduação.

Sobre a percepção dos alunos sobre a preparação oferecida para o início das atividades pelos servidores envolvidos no projeto, apenas 27% julgou suficiente, 40% concordaram parcialmente com a afirmação, 20% deles discordaram parcialmente, 6% discordaram que a preparação foi suficiente. Uma pequena parte, 7% afirmou que era indiferente a tal questão, fator entendido por este autor por já possuírem experiencia com a docência.

Foi percebido no discurso dos alunos a empatia pelo fato de muitos dos professores terem o Cursinho como a porta de entrada para a docência, e que os esforços e trabalho dos bolsistas foram reconhecidos de forma expressiva. 90,8% dos alunos atribuíram o conceito de “Ótimo” ou “Bom” aos professores do Cursinho Popular e 9,1% classificou a atuação como “Regular”.

No tocante a evolução dos professores, os alunos responderam, quando foram perguntados se os “professores melhoraram suas aulas com o decorrer dos meses”, 73% deles concordaram de forma plena com tal afirmação, 23% concordaram de formal parcial e 4% discordaram desse enunciado

Conforme proposto, com o encerramento do grupo de pontos mais diretamente a questão dos professores do Cursinho, continuamos a análise com a reflexão com aspecto mais ligados aos servidores envolvidos no projeto.

Temos que 50% dos servidores possuíam entre 30 e 39 anos, na ocasião do início de suas atuações no Cursinho Popular, que 37,5 % estava na faixa etária compreendida entre 40 e 49 anos, 6,3% menos de 24 anos e também que 6,3% possuía mais de 65 anos.

Desse grupo de servidores 68,8% se autodeclararam brancos, 25% como pardos e apenas um (6,3%) como preto.

No tocante à escolaridade, 81,3% deles estudaram o ensino fundamental apenas em escolas públicas e 68,8% o ensino médio apenas em escolas públicas. Quando perguntados sobre a maior escolaridade, metade deles respondeu que possuía o título de Mestre, 25% que eram Doutores, 18,8% possuíam cursos de especialização e que apenas 6,3% ainda não possuía o ensino superior completo.

Ainda quanto ao perfil, 68,8% dos servidores que responderam o questionário eram servidores docentes e 31,3% pertenciam ao segmento dos técnico-administrativos. Quanto ao tempo na Instituição, 37% responderam que possuíam menos de um ano quando iniciaram as atividades no Cursinho, 38% estavam a mais de um ano e menos de dois e 25% possuíam mais de três anos. Essa proporção de 75% de professores com menos de dois anos na Instituição se deu pelo momento da instituição, em 2015 o Campus Capivari do IFSP passou a ofertar o segmento da Base Nacional Comum diretamente para os alunos dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio e por isso foram contratados professores para articularem tais disciplinas.

Pela análise dessa série do gráfico abaixo e congregando a respostas dos três grupos, nenhum dos avaliadores avaliou o projeto com Péssimo ou Ruim. O projeto foi avaliado como ótimo ou bom pela maior parte os servidores. Houveram algumas poucas, mais significativas avaliações do curso como “Regular”, o que são justificados pelo entendimento deste autor pelas incidências das questões já citadas. Relevante é destacar que não foram registradas nenhuma avalição de “Ruim”, nem “Péssimo”, por nenhum sujeito dos três segmentos.

Figura 7 - Avaliação do Cursinho Popular

Fonte: Arquivo pessoal do autor (2018)

De forma difusa, também foram indicadas a proposição de ações que combatessem a evasão seletiva de algumas disciplinas, que fossem tomadas medidas para que o pagamento das bolsas não tivesse atrasos, que a burocracia excessiva no processo de elaboração de relatórios, comunicados de permanência mensais foi revista. Também foi indicada a contratação de um bolsista que atuasse como secretário do Cursinho para suporte dos alunos e professores.

Uma questão sanável foi a inexistência de um espaço dedicado ao cursinho, uma sala fixa, pois, a mobilidade forçada foi algo que os participantes apontaram que sempre que outra atividade dos cursos “regulares”, ou seja, não relacionados aos de Extensão, demandasse por espaço, os professores e os alunos do cursinho eram obrigados a buscar um outro local disponível.

A partir da percepção dos participantes da pesquisa, e da análise dos projetos e relatórios finais do Cursinho, pode ser confirmado que projeto pode ser entendido com uma experiência sociocomunitária. Todavia menções críticas referentes a edições passadas não são inexistentes, e devem ser questões a serem aprimoradas nas próximas edições.

Em sintonia com os objetivos elencados foram analisados os conceitos, as características e os princípios da Educação Sociocomunitária e foi verificado que o entendimento dos autores apresentados no decorrer desta Pesquisa, estão relacionados com as respostas observadas.

A opção pelo Estudo de Caso foi importante para dar voz aos envolvidos, que se colocaram como sujeitos de conhecimento e não como objetos de estudo.

Dependendo do plano traçado, do projeto de vida, é necessário o acesso ao ensino superior. Conforme foi demonstrado, pessoas com diploma universitário possuem uma menor taxa de desocupação e maiores salários, sejam em períodos de crise ou de bonança. Nesse sentido a iniciativa do Campus Capivari trabalha na perspectiva do “inédito viável” proposto por Paulo Freire nas obras Pedagogia do Oprimido e Pedagogia da Esperança.

Os dados relacionados a evasão do próprio cursinho popular apontam que as condições econômicas influenciam tanto no acesso físico, pois muitos alunos tiveram que deixar o projeto por não terem condições de arcarem com os custos de transporte e também pela necessidade de lutarem por seus sustentos, ao deixarem de estudar pela urgência na busca de recursos materiais.

Apesar dos sucessivos contingenciamentos no orçamento federal da Educação, para que ação seja ainda mais exitosa e atinja de maneira mais fiel seus resultados é necessária a concessão de um auxílio-estudantil para o custeio de despesas de transporte e alimentação dos alunos do Cursinho Popular. O que aconteceu nas edições de 2015, 2016 e 2017 foi exatamente o inverso: pelo Cursinho ser um Projeto de Extensão, não era considerado regular, e por isso os alunos não tinham direito ao benefício do Passe Escolar, o que foi um escalabro. Em futuras edições do Cursinho tal situação há de ser revista, seja por meio de uma ação institucional da Pró-Reitoria de Extensão, seja por intervenção do próprio Campus Capivari, admitindo o pedido de Assistência Estudantil, já existente no âmbito local, também pelos alunos do Cursinho.

Pelo cotejo da análise do discurso contido nas propostas elaboradas pelos servidores do Campus Capivari e dos dados coletados na pesquisa de campo, foi possível concluir que o Cursinho do Campus Capivari coaduna com os conceitos da Educação Sociocomunitária e que desde a concepção institucional pela Pró-Reitoria de Extensão do IFSP está intrínseca uma abordagem crítica de se pensar, debater e fazer Educação.

Os agentes que participaram do cursinho buscaram de forma intencional prover acesso e oportunidades a comunidade local, que conforme demonstrado possui muitas pessoas carentes, seja no aspecto econômico, cultural e em especial no

Não é cabível pensar em iniciativas sociocomunitárias sem pensarmos em intervenção em sentido amplo, que abranja a promoção de uma postura crítica, pela qual os sujeitos refletem, questionam, inova e são capazes de agir pela promoção de mudanças sociais.

Nessa mesma perspectiva o Cursinho Popular teve o propósito de abarcar a comunidade, uma intenção real de um impacto social transformador e principalmente libertador. Pode ser considerado um instrumento também pertencente à Educação Sociocomunitária, pois propõe um processo pelo qual os sujeitos não sejam reles expectadores, mas autores que trabalhem na interpretação do que acontece em seu entorno, na proposição de questionamentos e na atuação como agentes de mudanças de suas comunidades.

A partir das observações ficou nítido o anseio e a necessidade de novas edições do Projeto, e este autor ao final deste estudo estabelece um compromisso profissional de contribuir nos processos de futuras edições do Cursinho Popular no Campus Capivari. Muitos dos problemas levantados acerca da execução não dependem de complexas ações para serem superados, e como ferramenta primordial para o enfrentamento são apontados o diálogo e a empatia.

Tudo isto posto, é esperado que a iniciativa aqui tratada possa servir de influxo para outros educadores, pois o saber não se encerra em si mesmo. Deve ser construído e reconstruído pelo diálogo para a constituição de uma comunidade melhor por meios de processo emancipadores e transformadores.

**Bibliografia**

CARO, Sueli Maria Pessagno, GUZZO, Raquel Souza Lobo. **Educação social e psicologia**. Campinas: Alínea, 2004.

CARO, Sueli Maria Pessagno. **Educador social no Trabalho com a criança e o adolescente: Identidade e competências**. Revista de Ciências da Educação, p.209-228, jun. 2001.

CARO, Sueli Maria Pessagno. **Os Fundamentos da Educação Social para uma Educação Sócio-Comunitária**. Revista de Ciências da Educação. Aparecida, UNISAL, ano 08, n. 15, p. 17 – 31, 2º sem. 2006.

CARO, Sueli. M. P. **Educação Social: novas perspectivas para a Educação Social**. UNISAL. Pesquisas em Pós-Graduação em Educação e Práticas Pedagógicas,2011.

CARO, Suely Maria Pessagno. **Educação social**: Uma questão de relações. Pedagogia Social. 2ª edição. Expressão e Arte editora, 2011.

EVANGELISTA, Francisco (Orgs.). **Pedagogia social: educação e trabalho na perspectiva da pedagogia social**. São Paulo: Expressão & Arte, 2011.

EVANGELISTA, Francisco. **Pedagogia Social. Cultura, Animação Sociocultural e Educação.** Odair Marques da Silva, Noêmia de Carvalho Garrido, Sueli Maria Pessagno Caro, Francisco Evangelista (orgs.) – 1. Ed. – São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2012.

EVANGELISTA, Francisco; CARO, Sueli Maria Pessagno; MIRANDA, Antônio Carlos. **A educação salesiana e a Educação Sociocomunitária no enfrentamento da exclusão social.** Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 15, n. 64, p. 134-146, nov. 2015. ISSN 1676-2584. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641932/9430>. Acesso em: 25 jul. 2018.

EVANGELISTA, Francisco; CRUZ, Rubia Cristina. **Narrativas de Formação em Educação: possibilidades para a pesquisa e investigação em Educação Sociocomunitária**. In: BISSOTO, Maria Luisa; MIRANDA, Antonio Carlos (orgs).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de Pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Paulo de Tarso. **Educação Sociocomunitária: delimitações e perspectivas**. Revista de Ciências da Educação. Ano X, n. 18, 1º sem. de 2008, p. 43-64.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventudes e Educação Sociocomunitária: roteiros de investigação**, Congr. Intern. Pedagogia Social. 2012.

GROPPO, Luís Antonio. **O Princípio Sócio-Comunitário e a Integração Sistêmica na Educação: Algumas Considerações**. Revista de Ciência da Educação. Publicação periódica do Centro UNISAL – Americana, ano VIII, nº 14, 1º semestre de 2006.

GROPPO, Luís Antonio. **Sociologia da educação sociocomunitaria: ensaio sobre o campo das práticas socioeducativas e a educação não formal**. Holambra, SP. Editora setembro, 2013. p.64 -67, 105-123.

GROPPO, Luís Antonio**. Sociologias da Educação: contribuições da Sociologia da Educação escolar para uma Sociologia da Educação Sociocomunitária**. Revista de Ciências da Educação, n. 25, 361-382. nov 2011.

GROPPO, Luís Antonio. **Um esboço sobre a gênese do campo das práticas socioeducativas no Brasil: aplicação da noção de campo social de Bourdieu**. Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB. Campo Grande, MS. nº 35, p.59-75. Jan/jun.2013.

GROPPO, Luís Antonio; MARTINS, Marcos Francisco. **Introdução à pesquisa em educação Metodologia em Educação Sociocomunitária**. Jundiaí: Paco Editorial, p. 93-120, 2016

ISAÚ, Manoel. **Da Educação Social à Educação Sociocomunitária e os Salesianos**. Revista HISTEDBR on-line, Campinas, n. 26, p. 2-24, jun. 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade**. Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

SILVA, Odair Marques; GARRIDO, Noêmia de Carvalho; CARO, Sueli Maria Pessagno; EVANGELISTA, Francisco. **Pedagogia Social: animação sociocultural – um propósito da educação social.** 1ª ed. São Paulo: Expressão e Arte Editora, 2012. 240 ps.

1. Disponível em https://unisal.br/cursos/mestrado-em-educacao/ Acesso em: 7 jun. 2018. [↑](#footnote-ref-1)
2. Tabela 8.1 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2009 realizada pelo IBGE [↑](#footnote-ref-2)